

A cura pelos livros: como a era digital reconfigurou o sentido dos impressos no Reino Unido¹

Taynée Mendes VIEIRA²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo procura explorar os sentidos que a leitura de livros impressos assume hoje a partir da predominância e ubiquidade da mídia digital. O livro impresso chega a ser visto como uma panaceia, um objeto com o poder de silenciar celulares, proporcionar mais calma e bem-estar para as mentes agitadas pela tecnologia nos dias atuais. Para tensionar essa visão contemporânea dos impressos, recorreremos a autores da história do livro que analisaram o contexto histórico da prensa de tipos móveis de Gutenberg. Como exemplo, recorreremos ao caso de um programa no Reino Unido em que livros de autoajuda e romances chegam a ser receitados por terapeutas, popularizando o termo “biblioterapia” em um contexto em que o suporte passa a ser tão importante quanto o conteúdo. Concluiremos, portanto, que o livro sempre foi um objeto flexível cujo uso diferentes épocas e ideias acabam por moldar.

PALAVRAS-CHAVE: história do livro; impresso; digital; biblioterapia; comunicação.

Introdução

Durante a pandemia da Covid-19, muitos profissionais tiveram que trabalhar de casa e a profusão de videoconferências e eventos virtuais com câmeras trouxe de volta à cena “um tipo de móvel que, *na era digital*, perdera um tanto do seu charme: a estante de livros”, nas palavras de uma matéria da *Veja*.³ (LOPES, 2020, *grifo nosso*) Percebe-se que o jornalista usa o termo “na era digital” em contraposição à presença de livros impressos nas estantes. O subtítulo da matéria diz ainda: “O desfile estático de títulos ajudaria a incutir um ar de respeitabilidade, de conhecimento de causa à fala de quem aparece”.

Nesse sentido, este artigo procura explorar as questões relacionadas ao livro impresso hoje, em que termos como “era digital” parecem sentenciá-lo a um passado distante, nostálgico. Veremos que muitas das concepções acerca dos livros impressos são oriundas de ideias dicotômicas, como o par digital/impresso – por exemplo, a ideia de que o impresso proporcionaria leituras mais atentas e reflexivas, ao contrário da

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, email: taynee.mendes@gmail.com

³ Disponível em <https://veja.abril.com.br/tecnologia/a-estante-de-livros-virou-a-decoracao-preferida-para-as-videoconferencias/>. Acesso em 5 de outubro de 2020.

leitura em aparelhos digitais, que seria mais superficial ou rasa. Então, o livro impresso passa a ser visto como o último refúgio às distrações da vida moderna, capaz de silenciar celulares e inculcar concentração e bem-estar. No Reino Unido, livros recomendados por terapeutas alargam essa noção para conferir ao livro impresso o poder de cura.

Primeiramente, à luz da abordagem histórica, busca-se entender o contexto histórico do surgimento do livro impresso para, na sequência, analisar alguns mitos acerca desse objeto e seu retorno à cena atualmente.

O aparecimento do impresso

Para analisar as questões referentes à imprensa, recorreremos ao clássico *O aparecimento do livro*, de Lucian Febvre e Henri-Jean Martin. Segundo os autores (2017, p. 345), na primeira metade do século XV, existiam oficinas onde se recopiavam às dezenas, senão às centenas, os manuscritos mais procurados: livros de horas ou de piedade e obras do ensino elementar. Por isso, para os contemporâneos de Gutenberg, a reprodução mecânica dos textos era apenas uma inovação técnica cômoda.

Os autores destacam algumas possibilidades do novo processo e seus efeitos transformadores. Ao tornar os textos mais acessíveis, a imprensa assegurou-lhe uma força de penetração que não pode ser comparada à dos manuscritos (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 345). Para eles, houve transformação e, relativamente, rápida. Qual seria o resultado? Que livros o público irá requisitar? A imprensa favorecerá uma literatura nova? Para responder a essas questões, é importante não perder de vista que, desde a origem, impressores e livreiros trabalham essencialmente com fins lucrativos. Assim, só aceitariam financiar uma obra se se sentirem seguros de poder vender um bom número de exemplares a um preço razoável (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 346). A imprensa então teve como efeito imediato “difundir ainda mais os textos que já haviam tido grande sucesso enquanto manuscritos, mergulhando frequentemente outros no esquecimento”, realizando assim uma obra de “amplificação ao mesmo tempo que de seleção” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 346).

Costuma-se pensar que, com a prensa, houve progresso imediato no campo científico. Mas apenas uma parcela da produção impressa, aproximadamente uma décima, era composta de textos científicos (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 356). De acordo com dados apresentados pelos autores, apesar de o número de impressos

umentar a cada ano, a maioria dos escritos quase não interessava do ponto de vista científico. O que dominava era a astrologia prática. E mais:

Nessas condições, que ninguém se espante se a narrativa das viagens de Marco Polo, o texto geográfico mais interessante da Idade Média, só é reimpresso quatro vezes antes de 1500, e excita bem menos interesse que as mentiras contidas na coleção das viagens de Mandeville: portanto, há falta total de espírito crítico, pelo menos a nosso ver. Mas, afinal de contas, não é assim em todas as épocas? (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 358).

As conclusões a que os autores chegam acerca das consequências da nova técnica de reprodução de textos são as seguintes: a imprensa não provoca nenhuma transformação súbita, e a cultura do tempo quase não parece mudada à primeira vista; uma seleção de obras foi feita por livreiros preocupados em realizar ganhos e escoar sua produção, procurando obras suscetíveis de interessar o maior número de leitores. Assim, o aparecimento da imprensa pode ser considerado como uma etapa em direção ao aparecimento de uma “civilização de massa e de standardização” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 359). Essa seleção implicou também o desaparecimento de algumas formas literárias, como a maioria das poesias rimadas da literatura dos goliardos, que às vezes eram impressas no final de um livro para preencher uma página em branco (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 360). Enquanto os homens da Idade Média não se preocupavam em pôr um nome em uma obra, os impressores serão naturalmente levados a procurar o verdadeiro autor das obras que imprimem – às vezes também a inventá-los. Tornar um nome conhecido era um estímulo precioso para a impressão, e, segundo Febvre e Martin, um indício de um tempo novo, “aquele em que os artistas assinarão suas obras e os escritores também – em que pouco a pouco, a ‘profissão de autor’ tomará nova forma” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 361).

Sem dúvida, a imprensa facilitou o trabalho dos sábios em certos domínios. Mas, para Febvre e Martin (2017), no total, ela não contribuiu para precipitar a adoção de teorias ou de novos conhecimentos. “Ao contrário, vulgarizando certas noções havia muito tempo adquiridas, consolidando velhos preconceitos – ou erros sedutores – ela parece ter oposto uma força de inércia a muitas novidades” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 381). Confiava-se com frequência mais na autoridade da tradição sem levar em conta descobertas contemporâneas. E, assim, relativizavam a função do livro no nascimento e difusão da Reforma Protestante. Declararam: “E nós não temos evidentemente a ridícula

pretensão de mostrar que a Reforma é filha da imprensa. Um livro só talvez nunca tenha convencido ninguém” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 395).

Assim, os autores refutam as armadilhas de relacionar a Reforma Protestante à imprensa, tese examinada minuciosamente por Elizabeth Eisenstein (1979). A autora critica a abordagem dos franceses, pois para ela tratar a invenção de Gutenberg em um contexto de mudança social é “perder a oportunidade de entender as forças principais que moldaram a mente moderna” (EISENSTEIN, 1979, p. 25). Nessa visão, verifica-se que a imprensa é entendida como um elemento revolucionário para o homem moderno, noção que gera impactos na visão atual dos impressos.

Mitos da história do livro

No livro *What We Talk About When We talk About Books*, a autora norte-americana Leah Price (2019) se propõe a desmentir alguns dos “mitos” atuais sobre os livros impressos sob o olhar da História do Livro. Para ela, os livros impressos não são um meio antigo, mas um formato que está sendo reinventado por seus leitores e que, nesse sentido, apresenta mais uma continuidade do que uma ruptura com a tradição de novos formatos por mais de meio milênio. Analisando um cenário em que as bibliotecas públicas se reformulam para oferecer outros serviços além do empréstimo de livros, programas em que voluntários deixam livros nos metrô ou doam para barbearias em bairros onde não há bibliotecas, e até programas em que livros são lidos em voz alta para acalmar cães e gatos em abrigos, Price afirma: “Longe de ser uma ferramenta para levar informação de um cérebro a outro, a leitura começou a ser vista como uma panaceia” (PRICE, 2019, Introdução, *todas as traduções são nossas*). Tal aspecto veremos com mais detalhes em breve.

A autora passa, então, a colocar em xeque três mitos comuns que normalmente se supõem ao se debater os livros e que não contribuem para entender os novos sentidos dos impressos hoje. O primeiro deles seria o “excepcionalismo”, que é a noção de se estar vivendo uma mudança sem precedentes na história. Por exemplo, na Holanda, o principal competidor não foi o *smartphone*, como poderia se pensar hoje, mas a televisão, cuja chegada em 1950 coincidiu com uma queda dramática nos índices de leitura por lazer. O segundo mito é o do “leitor ideal”. Os defensores do livro impresso associam leitura à virtude. Só que a era de ouro da impressão, durante a Guerra Fria, não foi necessariamente uma época de hábitos mentais virtuosos que os atuais nativos

digitais acham que o livro produz. Por último, o mito do leitor “independente” – baseado na ideia de comunhão imediata entre a mente do leitor e a do autor – acaba por apagar todos os terceiros envolvidos no negócio do livro, a saber, quem vende livros, quem empresta, quem cataloga, quem os dá ou quem os controla, etc. (PRICE, 2019, Introdução).

Cada um desses mitos confere aos impressos a capacidade de terem produzido certo tipo de indivíduo ou, como quer Eisentein (1979), certo tipo de mente – a mente moderna. No entanto, como demonstra Price, os livros podem ter usos imprevisíveis, o que nos leva a questionar se, de fato, eles eram lidos. Bem antes da competição com redes sociais, apenas uma pequena minoria dos volumes que saíam das gráficas encontravam um leitor. Em vez de dar aos romances uma atenção plena, aristocratas ficavam encurvando cabelos enquanto ouviam o servo recitar o livro em voz alta. Em suma, “os livros impressos deram à luz muitas das capacidades – e perigos dos quais os aparelhos digitais hoje levam a culpa” (PRICE, 2019, Introdução).

Para Price, o que tem norteado os debates sobre impressos pode ser tanto um estado de espírito quanto uma crença. E o primeiro, para ela, seria o medo. Podemos estar buscando refúgio das agitações tecnológicas e apelos comerciais de produtos, de pessoas e lugares, da nossa própria doença e fraqueza. Para ela, tratar o livro como uma espécie de *bunker* pode sabotar seu potencial enquanto objeto de relação com o mundo social, não apenas com o mundo representado pelas palavras, mas com o mundo de outros seres humanos que fizeram ou transmitiram o objeto em si (PRICE, 2019, Introdução).

Assim, os ensaístas da era digital costumam idealizar os livros apenas por uma imagem que a história do livro costuma colocar em dúvida: a do leitor solitário, que comprou um romance e que lerá o livro da primeira à última página. No entanto, como nos mostram Cavallo e Chartier (1998), a leitura já foi predominantemente uma atividade coletiva na Grécia Antiga. Ilustrações áticas mostram principalmente homens, mas depois também mulheres, participando do ato da leitura em contextos recreativos. “Esses leitores não são solitários, em geral, aparecem em contextos representativos de entretenimento e de conversação, sinal de que a leitura era vista, sobretudo, como prática de vida em sociedade” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 11).

Para Cavallo e Chartier (1998), a imagem do “leitor solitário” em ambientes fechados foi impulsionada pelas mudanças nas práticas sociais da Idade Média no Ocidente latino.

A leitura do ócio literário que no mundo antigo se realizava geralmente entre jardins e arcadas e que previa também praças e ruas urbanas como espaços de escritas expostas[...]foi substituída pela prática de leitura concentrada no interior das igrejas, das celas, dos refeitórios, dos claustros, das escolas religiosas, algumas vezes das cortes: leituras, aliás, geralmente limitadas às Sagradas Escrituras e a textos de edificação (CAVALLO;CHARTIER, 1998, p. 20).

A esse respeito, Price (2019) destaca que o que é constante na história dos livros é o poder desses objetos em assumir diferentes formatos e promover diferentes maneiras de leitura. Para a autora, o encontro com os objetos impressos em toda sua variedade pode “ajudar a nos preocupar menos com a diferença entre livros impressos e eletrônicos, mas também a entender o que é antigo e o que é novo sobre essas preocupações” (PRICE, 2019, Introdução).

Tais preocupações também são uma constante na história de outras mídias. Segundo Lisa Gilteman (2006), todas as mídias já foram “novas” algum dia, e a maneira como olhamos para o período de novidade e de transição e como reagimos a diferentes mídias “podem nos dizer muito acerca da história das mídias e sobre as condições gerais pelas quais as mídias e a comunicação têm sido moldadas” (GILTEMAN, 2006, p. 1). Versões diversas da história das mídias fazem a diferença para compreendê-las.

Revisitando o passado impresso

Entender os mitos que circundam o livro impresso nos dias atuais nos remetem ao universo digital, em que os impressos parecem ganhar uma nova significação e status. Segundo Price (2019), o impresso virou um símbolo, porque os leitores de brochuras parecem esquecer as várias formas que os livros assumiam e as várias funções que desempenhavam antes do digital e a resposta pode estar na comparação. Para ela, o sentido do livro hoje implica uma série de “nãos”. Projetar um livro como um “não aplicativo” apaga uma longa história do que viria a ser chamado de “interatividade” – leitores que sublinhavam trechos, copiavam passagens, rasgavam páginas para organizar em uma nova sequência, etc. Ver o livro como um “não banco de dados” obscurece o uso frequente de livros para consulta, como dicionários e páginas amarelas, em que pular de páginas, fazer leitura dinâmica em busca de informações eram o usual. Achar que o livro é um “não *website*” torna invisível a massa de livros

que era produzida com informações práticas, que ficariam velhas logo, em vez de conter um conhecimento durável (PRICE, 2019, Capítulo 1).

Fenômenos como perfis de livros no Instagram e vídeos tipo *unboxing* (pessoas que desembulham caixas ou embalagens com produtos) reforçam o que defende a autora: “quanto menos lemos textos, mais olhamos para o livro” (PRICE, 2019, Capítulo 1), em referência a sua distinção entre textos e livros (do inglês *text*, o conteúdo do livro, e *book*, o suporte material que carrega aquele texto (PRICE, 2019, Capítulo 4). Em muitos casos, os perfis costumam vender também objetos do universo da literatura, como no caso do perfil da Lisa Smith, que vende velas aromáticas inspiradas na literatura. No site da sua empresa, é possível encontrar velas, hidratantes e perfumes sob o nome Sherlock (tabaco e mogno), Mr. Darcy (sândalo, carvalho, musgo e chá preto) e Hemingway (tabaco e *bourbon*).⁴ Esses casos, comprovam que os livros ainda vendem, e vendem outras coisas que não livros (PRICE, 2019, Capítulo 1).

Nesse sentido, assim como velas, os livros parecem defender um passado, mas ambos sendo capazes de criar uma espécie de atmosfera. Mas há algo na modernidade para que esses objetos ofereçam algum tipo de redoma? Price (2019) acredita que a nostalgia possui papel central nesse processo. Portanto, precisamos superar a oposição entre impresso e digital e focar nos usos dos livros. “A diferença crucial, sugiro, pode não ser entre impresso e digital, mas entre os diferentes usos do texto pelos leitores, seja qual for sua forma física” (PRICE, 2019, Capítulo 1).

E quando comparamos o digital/impresso, questões sobre o que é um livro emergem. A linguista Naomi Baron destaca que o digital desafia a noção de livro apenas agora. Ela afirma: “por mais de 1.500 anos, a resposta foi simples: uma coleção de páginas com texto (ou figuras), coladas juntas... você pode cheirar a encadernação. Admirá-los na estante. Emprestar a um amigo. Perdê-lo. Queimá-lo” (BARON, 2015 *apud* PRICE, 2019, Capítulo 1). Ora, a essa noção de livro, os historiadores enfatizam que as regras de usos dos livros nunca foram “simples”. Para Price, ao falarmos de livros, devemos ter cuidado em não “monumentá-los” ou colocá-los em uma posição no qual eles não ocupam. Assim não percebemos que o que todos têm em comum é a variedade.

Quando colocamos os livros sob um microscópio em vez de um pedestal, passamos a perceber que o que todos os livros impressos têm em comum é a variedade – através de períodos culturais e até mesmo dentro e uma mesma

⁴ Disponível em <https://foragecandle.com/>. Acesso em 2 de outubro de 2010.

cultura. Eles vêm em diferentes tamanhos e formas (um volume pesado de mesa vs um delicado diário de bolso), estão vinculados a seus donos por diferentes épocas (uma Bíblia de família que passa de geração a geração ou um livro didático tomado emprestado de outro estudante), convidam ou, ao menos, permitem usos distintos (leitura ou embrulho) (PRICE, 2019, Capítulo 1).

Professora do curso de história do livro em Harvard, Price realiza um simples exercício que serve como uma tentativa de despertar a consciência para o aspecto material dos livros a fim de não monumentalizá-los pelas palavras. Uma espécie de prática *mindfulness* livresca. No exercício, batizado por um dos alunos de Name that Book (Dê nome ao livro), os alunos vão à biblioteca da faculdade, vendam os olhos, pegam um livro aleatório das prateleiras e tentam responder 20 perguntas do restante da classe. Você encontra muita ou pouca fricção ao passar as mãos pelas páginas? Quais superfícies são mais escorregadias? As pontas são afiadas? O livro fica aberto ao tomar notas ou é necessário duas mãos para segurá-lo? Ele merece ser guardado para a posteridade ou deve ir direto para a lata de lixo? (PRICE, 2019, Capítulo 1). O propósito do jogo é trazer de volta estudantes que amam se perder no universo imaginário do livro para uma maior conscientização do aspecto físico, começando pelo som e toque do objeto nas mãos. Seus alunos, em geral, formados em Letras, tendem a ler os livros e a experiência de não ler frustra alguns e irrita outros.

Em resumo, Price defende que diferentes períodos históricos não produzem apenas diferentes tipos de livros, geram também novas formas de tratar os livros – novas suposições sobre quais aspectos desses objetos físicos merecem a atenção dos leitores. Ao comparar diferentes edições de diferentes séculos, como uma coleção de sermões do século XVII fisicamente tão diferente de uma brochura de aeroporto do século XX, os estudantes começam a perceber que a versão em pdf de um livro de química em um laptop não é assim tão sem precedentes na história. E notam algo mais: que as tecnologias digitais estão criando algo “radicalmente” novo, a saber, nossas ideias sobre a leitura.

As ferramentas digitais podem não estar revirando nossas práticas de leitura de forma mais dramática que outras inovadoras formas de impressão fizeram. O que estão revolucionando são nossas ideias sobre leitura. No processo, estão refazendo o passado impresso (PRICE, 2019, Capítulo 1).

Os novos poderes dos impressos

O livro não é o único objeto cuja versão digamos “antiga” torna-se mais glamourosa à medida em que o equivalente eletrônico ganha espaço a cada dia. Price

(2019) cita alguns exemplos, como a sensação de viajar no tempo ao se comprar um rolex analógico, sensação semelhante proporcionada pelas câmeras de filme instantâneo, bloco de notas impresso, jogos de tabuleiros e ingressos impressos da Broadway (PRICE, 2019, Capítulo 2).

No entanto, há algo especial no livro ou ao menos assim são tratados no Ocidente. Quando pensamos e falamos do Livro, em maiúscula, em geral imaginamos os grandes romances de literatura. Só que o mercado editorial nunca foi impulsionado por grandes romances. *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, por exemplo, vendeu apenas 1.500 cópias no ano de seu lançamento, em 1813. Nesse ano, o título mais vendido foi uma biografia do herói naval Lord Nelson, tiragem esgotada por duas vezes. Price enfatiza a questão que dá título ao seu livro, ou seja, quando falamos do Livro, não falamos de livros de receitas ou biografias, embora sejam esses que vendam mais (PRICE, 2019, Capítulo 2). Aspecto também evidenciado por Febvre e Martin (2017) sobre a baixa venda de tratados científicos no século XVI.

De maneira mais fundamental, acadêmicos têm começado a se perguntar se “impressos” significam “livros ótimos”. Indulgências papais saíam mais que a Bíblia por exemplo. “Compare postagens do Facebook com a Bíblia de Gutenberg, e a civilização parece estar indo pelo ralo. Mas compare os *tweets* às indulgências, e é mais similar” (PRICE, 2019, Capítulo 2).

Assim, tendemos a associar o impresso com algumas virtudes consideradas do passado, principalmente, as novas gerações cujo contato com livros impressos é limitado ou aos grandes romances ou aos livros escolares.

É fácil para os adolescentes que nunca folhearam um manual impresso associar os livros com o se perder do que encontrar informação.[...] A longa predominância de livros que eram feitos para pesquisa, leitura rápida, e descarte precisa se tornar invisível à memória, porque desafia a fantasia da era digital de que o impresso inculca paciência, fortalece a ética no trabalho, e exercita a atenção (PRICE, 2019, Capítulo 2).

Em 2013, o professor estadunidense David Mikics cunhou o termo *slow reading* – o equivalente talvez a fazer seu próprio pão – como a última moda em “detox digital”. Ele escreve: “Se está olhando para este livro, você está comprometido” – à paciência, concentração, pensamento profundo (MIKICS, 2013 *apud* PRICE, 2019, Capítulo 2). Os prazeres digitais estariam “tentando” os leitores sem força de vontade a trair um relacionamento de longa data com os livros impressos.

A leitura de livros se tornou um retiro do blá-blá-blá digital (tão absoluto como entrar num monastério), um protesto contra a sociedade de consumo (tão ousado como subir em barricadas), uma terapia para cérebros corredores e pulsões descontroladas (PRICE, 2019, Capítulo 2).

Parece irônico que os livros tenham se tornado talismãs – com poderes de silenciar celulares ou inculcar foco justamente em uma década em que, segundo Price, os historiadores estão começando a concordar que os livros assumem quaisquer poderes dados pelos seus leitores. Adrian Johns em *The Nature of the Book*, demonstrou que por muitos séculos os usuários do tipo móvel começaram a fazer suposições dos livros impressos. Seu pensamento também costuma ser contraposto com o de Einstein (1979), que argumenta que produção em massa dos livros em tipos móveis contribuiu para a Reforma Protestante e a Revolução Científica. Já Johns questiona como as ideias em mutação, crenças e afetos moldam o uso dos livros? (PRICE, 2019, Capítulo 2).

Da mesma forma podemos nos perguntar: Como nossas ideias sobre o digital moldam o uso que fazemos dos impressos? Para Price, preocupar-se se a mídia digital vai corromper seus usuários pode nos levar a ver o livro como onipotente – “sua presença magicamente garante virtude, sua ausência, vícios” (PRICE, 2019, Capítulo 2). A virtude que encontramos por trás das câmeras em *videocalls*.

Por fim, esse fetiche da mídia impressa em tempos digitais pode estar ligado a uma crença de que os livros impressos enquanto objetos possuem poderes para nos resgatar das mazelas (ou pecados?) dos tempos digitais. “Nós fetichizamos livros, porque imaginamos que podem nos proteger da nossa distração, nossa preguiça, ou fraqueza a que os primeiros monges chamavam de acídia” (PRICE, 2019, Capítulo 2).

A cura pelos livros

A partir dessa visão virtuosa, é possível entender um pouco melhor o contexto em que livros passam a ser prescritos como remédios. No Reino Unido, órgãos de saúde chegam a recomendar livros como tratamento. Em 2005, o psiquiatra galês Neil Frude viu seus pacientes esperarem meses para receber uma prescrição de antidepressivos. Percebeu também que os mesmos pacientes, enquanto esperavam, lotavam as seções de autoajuda de livrarias e bibliotecas locais. Assim nasceu o programa Book Prescription do Sistema Nacional de Saúde (NHS, na sigla em inglês) do Reino Unido, em que qualquer médico de atenção primária poderia prescrever livros para pacientes diagnosticados com depressão leve a moderada. Em 2011, os médicos de Wales

estavam emitindo 30.000 prescrições de livros por ano (FRUDE, 2011 in PRICE, 2019, Capítulo 4).

Figura 1. Uma das páginas da lista dos livros prescritos pelo programa em 2011.⁵

Y Problem / Problem addressed	Rhif / No.	Teitl y Llyfr / Book Title	Awdur(on) / Author(s)	Bhwyddyn / Year	Cyhoeddwr / Publisher	ISBN
Dementia	BPW62	A Personal Guide to Living with Progressive Memory Loss	Burgener Sandy & Twigg, Prudence	2007	Jessica Kingsley	1843108631
	BPW63	Dementia: Alzheimer's and other Dementias (At Your Fingertips)	Gayton, Harry, Graham, Nori & Warner, James	2008	Care Publishing	1859591485
	BPW64	Caring for the Person with Dementia	Alzheimer's Society	2009	The Alzheimer's Society	9791906647087
	BPW65	Simplicity of Dementia: A Guide for Family and Carers	Buijsen, Huub	2001	Jessica Kingsley	1843103214
Iselder / Depression	BPW66	Overcoming Depression and Low Mood: A Five Areas Approach	Williams, Chris	2009	Hodder Arnold	0340986050
	BPW67	Mind Over Mood	Greenberger, Dennis & Padesky, Christine	1995	Guilford Press	0898627283
	BPW68	The Mindful Way Through Depression: Freeing Yourself from Chronic Unhappiness	Williams, Mark, Teasdale, John, Segal, Zindel & Kabat-Zinn, Jon	2007	Guilford Press	1593851286
Pyder am lechyd / Health Anxiety	BPW69	Stop Worrying About Your Health	Zgourides, George. D	2008	Lulu.com	1435711920
Iselder Manig / Manic Depression	BPW70	Overcoming Mood Swings	Scott, Jan	2001	Robinson	9781849011297
Obsesiynau a Chymeliadau / Obsessions & Compulsions	BPW71	Overcoming Obsessive Compulsive Disorder	Veale, David & Willson, Robert	2009	Robinson	1849010722
	BPW72	Overcoming Obsessive Thoughts	Clark, David & Purdon, Christine	2005	New Harbinger Publications	1572243813
Panig / Panic	BPW73	Overcoming Panic and Agoraphobia	Silove, Derrick & Manicavasagar, Vijaya	2009	Robinson	1849010021
	BPW74	Panic Attacks: What They Are, Why They Happen, and What You Can Do About Them	Ingham, Christine	2000	Harper Collins	0007106904
PTSD/ Trauma / PTSD/ Trauma	BPW75	Overcoming Traumatic Stress	Herbert, Claudia & Wetmore, Ann	1999	Robinson	1841190160
Self-Esteem	BPW76	Overcoming Low Self Esteem	Fennell, Melanie	2009	Robinson	1849010684
	BPW77	Reinventing Your Life: How to Break Free from Negative Life Patterns	Young, Jeffrey E. & Klosko, Janet, S.	1998	Penguin Putnam Inc USA	0452272041
Sexual Abuse (Adult Survivors)	BPW78	Breaking Free: Help for Survivors of Child Sexual Abuse	Ainscough, Carolyn & Toon, Kay	2000	Sheldon Press	0859698106
	BPW79	The Survivor's Guide to Recovery from Rape & Sexual Abuse	Kelly, Robert A., Maxted, Fay & Campbell, Elizabeth	2005	Rugby RoSA	0955103703
Social Anxiety / Social Phobia	BPW80	Overcoming Social Anxiety and Shyness	Butler, Gillian	2009	Robinson	1849010005
Stress	BPW81	Total Relaxation (Paperback Plus CD)	Harvey, John	1998	Kodansha America, Inc	9781568362243
Worry	BPW82	The Worry Cure: Stop Worrying and Start Living	Leahy, Robert, L.	2006	Piatkus Books	0749927240

© Hawttraint y Goron / Crown Copyright 2012 WG 16567

Na Figura 1, vemos que é possível buscar o livro prescrito de acordo com a coluna que indica o problema a ser tratado. Vemos ainda que alguns títulos estão relacionados ao tratamento de doenças ligadas saúde mental, como depressão, pânico, demência; outros a situações traumáticas, como abuso sexual infantil e estupro; outros parecem tratar de temas mais gerais como stress, baixa autoestima, relaxamento, preocupações.

Em 2013, o programa do País de Gales expandiu para ser aplicado na Inglaterra sob o nome de Reading Well, iniciativa lançada por uma ONG e não pelo órgão de saúde governamental, mas contava com médicos pagos pelo NHS. Em três meses, as bibliotecas inglesas estavam emprestando mais de 100.000 cópias dos títulos prescritos – 20.000 a mais do que os empréstimos de *50 Tons de Cinza* (PRICE, 2019, Capítulo 4).

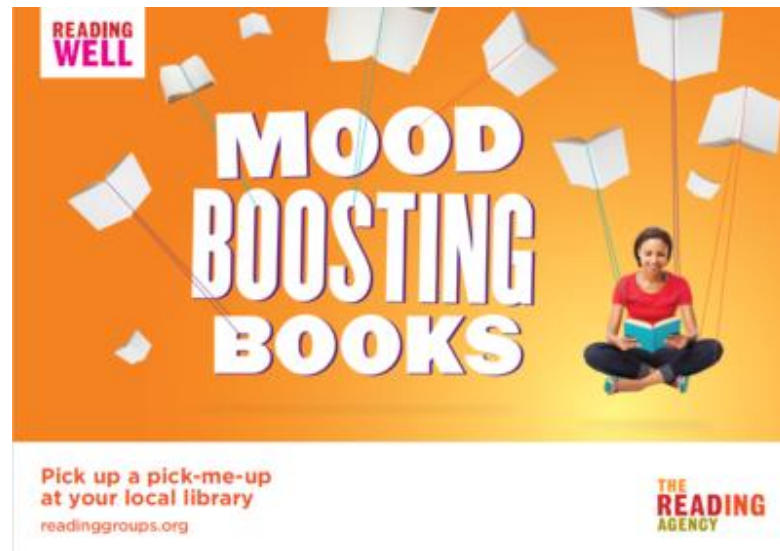
Segundo o site oficial, o programa funcionava assim: você poderia receber uma prescrição de seu médico e a levava ao bibliotecário mais próximo, da mesma forma

⁵ Disponível em <https://111.wales.nhs.uk/pdfs/WG%2016567%20A4%20Booklist%20WEB.pdf>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

como você levaria a receita à farmácia, ou poderia consultar a lista de livros recomendados na página do programa.⁶ Mal não faria.

Só que autoajuda não foi o único gênero que o NHS estava endossando. Parte do programa Reading Well, a seção Mood-Boosting Books passou a promover “títulos encorajadores, incluindo romance, poesia e não ficção”.⁷ Nesse caso, os livros não são prescritos por profissionais da saúde, mas recomendados por leitores ou grupos de leitura. As listas são anuais.

Figura 2. Anúncio do programa Mood-Bosting Books, em 2018.⁸



Na Figura 2, notamos que o modo de representar o livro ainda é o modo impresso, e a leitura é retratada como atividade solitária, um dos mitos acerca da leitura hoje, e que ajuda a reforçar a sensação de paz e tranquilidade dos impressos.

Na página do programa, é possível encontrar alguns best-sellers de ficção como *Comer, rezar, amar*, de Elizabeth Gilbert, *O alquimista*, de Paulo Coelho, *O jardim secreto*, de Frances Hodgson Burnett e Peter Hunt e *Paris para um e outros contos*, de Jojo Moyes.⁹

Para Price (2019), ao mesclar livros de autoajuda e literatura sob o guarda-chuva do Reading Well, o programa torna visível a dupla transformação que a literatura impressa tem passado desde a virada do milênio.

⁶ Disponível em <https://reading-well.org.uk>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

⁷ Idem.

⁸ Disponível em <https://readingagency.org.uk/news/blog/your-mood-boosting-books-for-2018.html>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

⁹ Disponível em <https://reading-well.org.uk/books/mood-boosting-books>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

A literatura se tornou medicalizada, na medida em que o ato da leitura substituiu o serviço de bem-estar mental e físico, mas também foi institucionalizada, na medida em que agências financiadas pelo Estado estão influenciando de forma cada vez mais sistemática se devemos ler ou o que devemos ler (PRICE, 2019, Capítulo 4).

Nesse sentido, a chamada “biblioterapia” pode ser vista como benéfica não apenas para a indústria da saúde, mas também para a indústria do livro. Segundo Price, a maior circulação, financiamento e a legitimidade que o programa Reading Well confere são necessários em um país que, entre 2010 e 2016, perdeu 343 bibliotecas. A ideia de prescrição de livros pode parecer um ganha-ganha com vantagens não apenas aos pacientes, mas também aos pagadores de impostos e (talvez sem a intenção) aos livros. As bibliotecas ganham novos associados quando médicos enviam pacientes por suas portas. A literatura alcança novos leitores cada vez que um paciente escolhe um romance enquanto circula pelo balcão. Ele pode chegar à biblioteca pelo livro *Feel the Fear... and Do It Anyway*, de Susan Jeffers e acabar levando *O Iluminado*, de Stephen King (PRICE, 2019, Capítulo 4).

Para Price, o programa Books Prescription não reflete apenas a evolução da psiquiatria ou a política de financiamento em saúde. “De forma paradoxal, a mudança para livros de autoajuda também é uma resposta ao surgimento da mídia digital” (PRICE, 2019, Capítulo 4). Hoje, para ter uma noção do seu diagnóstico não é necessário achar um mesa firme o suficiente para aguentar o peso de um dicionário médico de vários volumes. Segundo uma pesquisa de 2014, quase três quartos dos adultos americanos usavam a internet para buscas relacionadas a saúde. Em 2016, o Google relatou que um a cada 100 buscas envolvem sintomas médico. Outra estimativa aponta uma a cada 20 buscas sobre saúde em geral (PRICE, 2019, Capítulo 4).

Se a medicalização da leitura parece como uma etapa lógica na história da psiquiatria, o alinhamento de livros de autoajuda com a literatura parece, a um primeiro olhar, como uma ruptura com a história da leitura. Segundo Price (2019), um dos primeiros gêneros de autoajuda foi o livro de condutas alertando sobre os perigos da leitura de romances.

O inventor do moderno livro de conselhos, Samuel Smiles compara o prazer com a ficção ao alcoolismo (“dram-drinking”). Livros, alerta Smiles em 1884, nunca poderiam ensinar mais que a educação em casa, na rua, atrás de bancadas, em oficinas e nas fábricas de manufatura (PRICE, 2019, Capítulo 4).

Não há nada de novo na suposição do NHS de que romances afetam o corpo e a mente. No entanto, esse efeito não era tão positivo durante o período dos tipos móveis de Gutenberg. A ideia do Mood-Boosting Books parece ir de encontro a meio milênio de campanhas contra a ficção, travada primeiramente por igrejas, depois por escolas, e finalmente, por bibliotecas públicas no século XIX, que racionalizavam o número de romances que uma pessoa podia pegar, mas permitia o empréstimo de ensaios sem limite (PRICE, 2019, Capítulo 4). É fácil lembrar que *Dom Quixote* já esteve associado à loucura, e romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, ao suicídio.

No século XIX, era mais provável acreditar que a leitura de ficção causava problemas mentais e não os curava. Alguns gêneros eram consideradas substâncias que alteravam os estados de consciência, e, assim, passíveis de regulação. Décadas antes do tabaco e do álcool serem regulados aos mais jovens, romances já eram proibidos a menores de 16 anos. Em 1883, legisladores de Nova York debatiam se deveriam aplicar uma multa a qualquer pessoa que venda, empreste ou dê a um menor de 16 anos qualquer romance ou livro de ficção, sem o consentimento por escrito dos pais. Em 1901, um artigo de um periódico de educação preocupava-se com o poder de concentração e atenção de um menino que anda sem rumo pela casa, com “as costas curvadas e forçando os olhos nas páginas impressas de um livro” (PRICE, 2019, Capítulo 4). O autor culpa o impresso dos mesmos vícios que hoje esperamos que leitura deva combater. Em 1916, um comentador adicionou que “essas crianças que preferem ficar em casa e ler um bom livro, enquanto outros estão fora brincando podem ser suspeitas de usar a leitura como sedativo” (PATRI, 1938 *apud* PRICE, 2019, Capítulo 4). Hoje, ao contrário, a ausência de histórias impressas é vista como uma ameaça à saúde e ao desenvolvimento da criança.

Como exatamente a nova crença dos cientistas e políticos nos livros substituiu as suspeitas de séculos atrás? Price arrisca uma resposta:

Talvez a explicação seja que a primeira geração a concordar com o letramento em massa também foi a última à qual o livro tenha sido o meio de comunicação padrão. Conforme outras mídias começam a desafiar o monopólio do impresso como entretenimento popular, em outras palavras, os romances passam a parecer o mal menor (PRICE, 2019, Capítulo 4).

Nesse sentido, o termo “biblioterapia” nasce no momento em que o cinema estava crescendo e competindo com os livros. Em 1916, o clérigo Samuel Crothers cunhou o termo defendendo que um livro pode ser um estímulo, sedativo ou um

soporífico (PRICE, 2019, Capítulo 4). Ou seja, a mudança na imagem dos livros de carregadores de doenças para um “cura tudo” vem junto com uma mudança da mensagem ao meio, ou do texto ao livro. Segundo Price (2019), no século XIX, a preocupação era de que leitores imitassem personagens ficcionais que roubaram ou adulteraram. No século XX, os dramas ficcionais serviriam de modelo para que leitores superem seus problemas. Por fim, no século XXI, assistimos a valorização do meio, do papel e da tinta, seja qual for a mensagem que ele carregue, como capaz de curar o corpo e a mente (PRICE, 2019, Capítulo 4).

Conclusão

Podemos concluir que nossas ideias e concepções sobre os impressos e seus “poderes” costumam vir carregadas de suposições sobre os impressos do passado, o que a história do livro tenta desmistificar. Estaríamos vivendo uma espécie de revisionismo histórico aplicado ao mundo dos livros? Outra reflexão importante seria a necessidade de desmonumentalizar o livro impresso e entendê-lo como mídia, flexível e adaptável conforme diferentes momentos históricos e culturas. Tratar o livro como objeto especial ou símbolo do conhecimento pode obscurecer questões sobre os diferentes usos desses objetos por seus leitores. Por fim, o uso dos aparelhos digitais, mas não somente eles, influencia na concepção e estima que temos pelos impressos, em vez de rivalizá-los. A biblioterapia ganha ainda mais sentido nesse processo se vemos os impressos como refúgio das telas onipresentes em nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

- CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. Vol.1. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. **The printing press as an agent of social change: Communications and cultural transformations in early-modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, vol I e II, 1979.
- FEBVRE, Lucian; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Edusp, 2017.
- GILTEMAN, Lisa. **Always Already New: Media, History, and the Data of Culture**. Cambridge: The MIT Press, 2006.
- LOPES, André. “A estante de livros virou a decoração preferida para as videoconferências”. **Veja**. 15/05/2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/tecnologia/a-estante-de-livros-virou-a-decoracao-preferida-para-as-videoconferencias/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.
- PRICE, Leah. **What we talk about when we talk about books: History and Future of Reading**. New York: Basic Books, 2019.